



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Poesia em Pauta', de Clarisse Fukelman]

André Seffrin

Para citar este documento / To cite this document:

André Seffrin, "[Recensão crítica a 'Poesia em Pauta', de Clarisse Fukelman]", *Colóquio/Letras*, n.º 189, Maio 2015, p. 286-287.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

AA. VV.

POESIA EM PAUTA

Org. Clarisse Fukelman

Rio de Janeiro, Editora Oito e Meio / 2014

A poesia e sua difusão hoje, seu possível peso na sociedade ou ao menos no sistema literário, entre leitores e especialistas, os prós e contras do que se faz em nome da poesia e dos poetas são alguns dos assuntos que moldam a matéria heterogênea deste pequeno livro, *Poesia em Pauta*, organizado por Clarisse Fukelman. Segundo Clarisse, trata-se do resultado final de um «ciclo sobre poesia, que reuniu críticos, professores, poetas-professores em pleno verão carioca, diante de um auditório lotado e ávido por aprender e debater». O bom desempenho do evento abriu caminho para a publicação desse material em livro, em que cada autor se movimenta dentro de sua área específica, que vai da crítica literária à filosofia, da historiografia à psicanálise, da teoria acadêmica aos emaranhados conceituais de outras artes circunvizinhas da poesia, contribuições que cada um pensou e debateu a seu modo.

Os maiores clássicos brasileiros modernos, paradigmas de nosso modo de entender e ler poesia, não deixaram de marcar presença, mas por interpostas pessoas, uma vez que os palestrantes se alimentaram deles, do início ao fim das discussões. Não faltaram referências a João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros, Ferreira Gullar e até João Guimarães Rosa, nosso poeta em prosa. Drummond entre os mais citados e reverenciados, e aí temos boa parte dos poetas que mais nos moldaram nas últimas décadas. Não à toa, Eucanaã Ferraz afirma drummondianamente que «todo poeta é um sobrevivente» e que o «sentido ético da escrita poética pode e deve ser resguardado», horizonte que parece deslocado hoje em dia, pois «não se trata aqui

de idealização — componente abominado por tantos poetas e críticos atuais —, mas de uma ideia. Ou melhor, um valor» (20).

Em seguida, baseado em Todorov, Eucanaã Ferraz fala com lucidez sobre crise no ensino, não na produção literária, quando o ensino da literatura está cada vez mais vinculado a teorias estranhas à criação, distantes dos poetas e de seu trânsito. Por fim, enfatiza que a «ideia de luxo não combina com a natureza da poesia», pois a «aspiração do poema é exatamente impor-se na sociedade do consumo e do luxo como um objeto essencial» (36). O que também orienta a reflexão de Ana Soutto Mayor, que, no entanto, e por uma dessas ironias do acaso, parece se deixar envolver pelo que podemos chamar de «paraísos artificiais» da teoria. O problema não é novo e a exposição de Felipe Fortuna, bem menos formal, embora igualmente engajada, percorre com humor e ácida ironia as mesmas veredas de Eucanaã. Castiga os descaminhos de algumas críticas equivocadas que cultuam a herança concretista ou da «crítica cultural», nesse último caso, citando trechos do prefácio de Heloisa Buarque de Hollanda na antologia *Esses Poetas* (1999), agudamente apontado como «fracasso crítico que só muito raramente se tem a oportunidade de ler» (51). Assim, sem nenhum excesso, disse o necessário.

Antonio Cicero, por sua vez, dimensiona as diferenças entre poesia e filosofia, e o que o fascina em ambas, caminhos que em si próprio considera cindidos e que encara de maneira singular. Discurso igualmente bem articulado apesar da índole acadêmica, a proposta de José Eduardo Barros, com boa base teórica, é a de que devemos enfrentar com destemor os novos meios de criação poética em tempos instáveis e demasiadamente consumistas, e os *blogs* teriam aí a função primordial de difundir a poesia não só por meio da palavra, mas da

imagem e do som. Com o predomínio da imagem e do som, ou seja, da poesia visual e sonora — algo que, convenhamos, é tão antigo quanto a poesia em letra impressa. E esta seria, ainda para José Eduardo Barros, apenas um dos meios de se criar poesia e, quem sabe, se não o principal...

Antonio Carlos Secchin reflete sobre a poesia propriamente dita, a que vem da Antiguidade Greco-Latina e até hoje nos ocupa, isto é, a poesia expressa na página. Em análise do poema «A Cabeça de Corvo», de Alphonsus de Guimaraens, compôs um texto exemplar que substitui com vantagem todas as teorias que possamos eventualmente engendrar sobre poetas e sobre poesia, com uma qualidade raramente alcançada entre brasileiros. Trata-se de um corpo a corpo com o poema em suas tantas interpretações, tal o nível do enfrentamento do campo, digamos, imagético do poeta em amplo contexto histórico. Algo a que todo crítico de poesia deveria aspirar no dia a dia do exercício da função, seara em que Secchin se movimentou com tranquilidade porque é também um dos nossos melhores e mais aparelhados poetas contemporâneos. Sim, o ofício do poeta, ainda e sempre, não permite a sombra do diletantismo.

Já o ponto alto do ensaio de Clarisse Fukelman (que, como José Eduardo Barros, procura situar-se na complexidade da arte contemporânea) é a «relação entre poema, poeta e fotografia», em excelente análise de três poemas, respetivamente de Ana Cristina Cesar, Hilda Hilst e Ferreira Gullar. Deste, temos o peculiar «Fotografia de Mallarmé», mapeado no cerne que o instaura, caminho identificado por Clarisse Fukelman em seu ensaio como «o conflito entre modos de representar, perceber e confiar na percepção». Curioso notar que em *Poesia em Pauta* não tivemos nenhuma palestra de poeta sem vínculo com a crítica. Na apresentação, a organi-

zadora alerta que houve «participação de outros poetas que estavam na plateia», com «ótimas provocações», o que acabou posteriormente interferindo nos debates e na redação final dos textos, e «alguns chegaram a receber um tratamento bem diverso do que foi apresentado no dia».

Ora, dos sete palestrantes, quatro são poetas — Antonio Carlos Secchin, Antonio Cicero, Eucanaã Ferraz e Felipe Fortuna — entre os quais um é filósofo e os outros três são ainda reconhecidos por seu trabalho de crítica e ensaio, e apenas Felipe Fortuna não é professor de literatura, é diplomata. A tradição brasileira é forte em poetas que abraçaram a crítica com certa abnegação, a exemplo de Manuel Bandeira, Augusto Meyer, Henriqueta Lisboa, Mário Faustino e José Paulo Paes, e mesmo poetas que só eventualmente a exerceram e, diga-se de passagem, com raro domínio, como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Ferreira Gullar, Walmir Ayala e Alberto da Costa e Silva. Porque não se optou pela participação de um criador sem envolvimento com a crítica e a teoria? Talvez pudesse enriquecer ainda mais o debate a presença de um ou mais poetas com depoimento pessoal, um autor que confidenciasse eventuais segredos do acontecimento da poesia, daquilo que Clarisse Fukelman definiu como a «desordem e a passagem de tempo que a paisagem fotográfica esconde». Um passeio menos engajado e mais intuitivo que nos apontasse de outro ângulo e horizonte as tantas mudanças por que passaram, nas últimas décadas, poetas, poemas e a poesia. Sem esquecer que o termo «poema» não raro é confundido com «poesia», e esta é por vezes identificada como entidade platónica que dificilmente se deixa cativar no ir e vir das escaramuças literárias e suas corrosões.

André Seffrin